

**EM NOME DO PARTIDO, DA MILITÂNCIA
E DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:
A PARTICIPAÇÃO CATÓLICA NO PARTIDO DOS TRABALHADORES DA
CIDADE DE PONTA GROSSA - PR (1980-1992)**

Edson Armando Silva & Ricardo Enguel Gonçalves***

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar, à luz da historiografia política renovada, as articulações e estratégias políticas adotadas pelos atores leigos e religiosos, partícipes da trajetória inicial do Partido dos Trabalhadores ponta-grossense, na busca pelo poder local. Como indicadores dessas estratégias, serão trazidas à baila duas situações específicas. A primeira, a formação do PT local, quando parte da militância católica ligada à Pastoral Universitária (PU) e à Pastoral da Juventude (PJ) é inserida ativamente na fundação e desenvolvimento do partido, mesmo que às margens da posição do episcopado. A segunda, representando o ápice dessa estratégia, a candidatura de padre Roque Zimmermann M.S.F. para a prefeitura de Ponta Grossa em 1992, demonstrando a tentativa do PT local em ampliar suas bases eleitorais para além dos redutos já conhecidos. Os diálogos entre política e religião presentes neste artigo serão estabelecidos a partir dos escritos de Rémond, Coutrot, Berstein e Rosanvallon.

Palavras-chave: Partido dos Trabalhadores; Padre Roque Zimmermann; Ponta Grossa; Catolicismo; Eleições.

**IN THE NAME OF THE PARTY, MILITANCY
AND SOCIAL TRANSFORMATION:
THE CATHOLIC PARTICIPATION IN THE WORKERS' PARTY OF THE
CITY OF PONTA GROSSA - PR (1980-1992)**

Abstract: This paper aims to analyze, in the light of the renewed political historiography, the articulations and political strategies adopted by lay and religious actors, participants of the initial trajectory of the ponta-grossense Workers' Party, in the search for local power. As indicators of these strategies, two specific situations will be brought up. The first, the formation of the local PT, when part of the Catholic militancy linked to the University Pastoral (PU) and to the Youth Pastoral (PJ) is actively inserted in the foundation and development of the party, even if on the margins of the position of the episcopate. The second, representing the apex of this strategy, candidacy of priest Roque Zimmermann M.S.F. for prefect of Ponta Grossa in 1992, demonstrating the attempt of the local PT to expand its electoral bases beyond the already known redoubts. The dialogues between

* Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1985), mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná (1993) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2000). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8519-2010>. Contato: edameister@gmail.com.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGH-UEPG), Brasil. Integrante do Núcleo de Pesquisas em História e Religião (NPHR-UEPG) e licenciado em História pela mesma instituição (UEPG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2118-8922>. Contato: ricardoenguel1@gmail.com.

politics and religion present in this article will be established from the writings of Rémond, Coutrot, Berstein, and Rosanvallon.

Keywords: Workers' Party; Priest Roque Zimmermann; Ponta Grossa; Catholicism; Elections.

**EN NOMBRE DEL PARTIDO, DE LA MILITANCIA
Y DE LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL:
LA PARTICIPACIÓN CATÓLICA EN EL PARTIDO DE LOS
TRABAJADORES DE LA CIUDAD DE PONTA GROSSA - PR (1980-1992)**

Resumen: Este trabajo pretende analizar, a la luz de la renovada historiografía política, las articulaciones y estrategias políticas adoptadas por los actores laicos y religiosos, participantes de la trayectoria inicial del Partido de los Trabajadores punta-grossense, en la búsqueda del poder local. Como indicadores de estas estrategias, se plantearán dos situaciones concretas. El primero es la formación del PT local, cuando parte de la militancia católica vinculada a la Pastoral Universitaria (PU) y a la Pastoral Juvenil (PJ) se implicó activamente en la fundación y desarrollo del partido, aunque al margen de la posición del episcopado. El segundo, que representa el ápice de esta estrategia, la candidatura del padre Roque Zimmermann M.S.F. a la alcaldía de Ponta Grossa en 1992, demostrando el intento del PT local de ampliar sus bases electorales más allá de los bastiones ya conocidos. Los diálogos entre política y religión presentes en este artículo se establecerán a partir de los escritos de Rémond, Coutrot, Berstein y Rosanvallon.

Palabras clave: Partido de los Trabajadores; Padre Roque Zimmermann; Ponta Grossa; Catolicismo; Elecciones.

1 Introdução

O segundo final de semana do mês de junho de 1992 foi responsável por um importante marco na história política da cidade de Ponta Grossa, a quarta mais importante do Estado paranaense. Nas dependências da Câmara dos Vereadores, realizou-se a Convenção Municipal do Partido dos Trabalhadores (PT), com o objetivo de oficializar a chapa imbuída pelo dever de disputar a eleição para prefeito naquela ocasião, bem como dos primeiros vinte e dois nomes lançados ao legislativo¹.

Naquela ocasião, o município com mais de 123 mil eleitores² pôde presenciar a estratégia petista para enfrentar os adversários tanto nas urnas quanto nos discursos e representações. Após dois dias de discussão – sábado (14) e domingo (15) – o Partido dos

¹ PT HOMOLOGA Zimmermann como primeiro candidato a prefeito. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 16 jun. 1992.

² PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Justiça Eleitoral – Eleições municipais de 03 de outubro de 1992. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19921003A77771.pdf>> Acesso em 29 jan. 2022.

Trabalhadores anunciou que seu representante na disputa pelo “Palácio da Ronda” seria o padre da Congregação Missionária Sagrada Família, Roque Zimmermann M.S.F., o qual dividiria os trabalhos de campanha e eventual governo com Gilberto Vicente Ribas, o Giba³. Ainda que concorrendo com uma chapa pura, ou seja, sem alianças em âmbito local, o PT dava sinais sutis de que faria uma modificação na forma de se apresentar ao eleitor, seja por meio do discurso moderado e ajustado ao perfil do eleitorado ponta-grossense, seja através do explícito apego às figuras ligadas ao catolicismo progressista.

Dessa forma, o que se percebeu em Ponta Grossa na eleição municipal de 1992 pode ser interpretado, à luz da historiografia, como um somatório de fatores dialógicos entre si. Dentre eles, a notoriedade do segmento católico progressista, agora alçado à condição de cabeça de chapa após duas eleições municipais configurando importante grupo de sustentação das chapas escolhidas pelo partido⁴. Outro fator considerável, trata-se da condição *sui generis* inerente à trajetória do PT em Ponta Grossa convergir com importantes atores sociais ligados às Pastorais católicas, fato esse que contribuiu significativamente com a emergência da sigla em solo ponta-grossense em meados de 1980.

Portanto, ao lançar um padre simpático aos anseios defendidos pelas Pastorais e movimentos por elas encabeçados, possibilitou ao PT local formar uma estratégia inédita: apoiar-se na figura de um progressista, sindicalista, católico e ao mesmo tempo religioso por vocação. Seria, dessa maneira, uma forma de adentrar redutos eleitorais resistentes ao programa de governo petista por enxergar nele a ameaça do “famigerado comunismo ateu”?

A sistematização do presente texto seguirá a seguinte formatação: num primeiro momento discorrer-se-á, brevemente, sobre a fundação do PT em Ponta Grossa, com ênfase na participação das Pastorais católicas – Pastoral Universitária (PU) e Pastoral da Juventude (PJ). Subsequentemente, será discutida a movimentação eleitoral municipal ponta-grossense de 1992, com a intenção de frisar ao leitor a emblemática e expressiva campanha petista encabeçada pelo padre Roque M. S. F.

Como todo trabalho historiográfico, este, não diferente dos demais, ampara-se nas fontes documentais. Nesse quesito, a vasta documentação consultada junto ao Acervo de Memória Política Péricles de Mello (AMPPM), disponível para acesso nas dependências do Museu Campos Gerais (MCG), ligado à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG),

³ PT HOMOLOGA Zimmermann como primeiro candidato a prefeito, *cit.*

⁴ A eleição de 1982 teve Péricles de Mello e José Alves dos Santos como candidatos a prefeito e vice, respectivamente. Já a eleição de 1988 contou com Silvio Silva e Darcy Marochi, respectivamente postulantes a prefeito e vice. Nas duas ocasiões todos os candidatos eram do PT.

configurou importante vertente para a produção deste trabalho. O acervo que configura a seção documental de Memória Política do Museu, trata-se de antigo arquivo do PT pontagrossense, entregue ao Museu anos atrás para fomentar pesquisas acadêmicas interessadas em discutir assuntos pertinentes à política local. Este artigo, especificamente, conta com recortes jornalísticos da mídia local, material de campanha relativo ao ano de 1992, santinhos de campanha contendo trajetórias biográficas de candidatos do PT, nomes de postulantes a cargos eletivos, entre outros.

Os números oficiais de votos, o eleitorado e os candidatos, encontram-se nas plataformas on-line do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR). Outra vertente importante para a confecção deste escrito é o respaldo bibliográfico sobre a temática. Nesse sentido, a aproximação entre religião, política, partidos e eleições buscou autores como Berstein⁵, Coutrot⁶, Rémond⁷ e Rosanvallon⁸ para circunscrever este artigo ao campo da História Política Renovada. A respeito do PT e seus desdobramentos no catolicismo progressista – ou vice-versa –, bem como sobre sua trajetória em solo pontagrossense, a literatura própria aparecerá no decorrer da narrativa.

Metodologicamente, o presente texto seccionou dois momentos, a fundação do PT em Ponta Grossa e a eleição municipal de 1992, e lançou a seguinte questão: como as articulações políticas envolvendo atores leigos e religiosos foram estrategicamente forjadas no interior do PT visando ao êxito do partido em suas pretensões locais? Ciente que a relação entre os atores sociais é composta por tensões e sendo estas não unânimes e tampouco harmônicas, esta pesquisa procura demonstrar como o perfil do PT foi se moldando com o passar dos anos, constituindo, assim, o que o historiador Berstein⁹ interpreta como “inércia política”. Ou seja, as estratégias e conjunto de ações ou omissões assumidas pela sigla para continuar a existir, mesmo quando as estruturas nas quais fora ele outrora moldado tenham se reconfigurado. Além disso, os dois episódios aqui explorados exigiram conciliações e articulações entre os envolvidos para resolução das tensões, quais sejam: a) contornar as imposições do bispo e contribuir com a organização do PT a partir das Pastorais e b) lançar um sacerdote como candidato ao executivo municipal. A esse respeito, utilizaremos o

⁵ BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

⁶ COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

⁷ RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

⁸ ROSANVALLON, Pierre. A democracia do século XXI. *Nueva Sociedad: especial em português*, jul. 2018.

⁹ BERSTEIN, Os partidos, *cit.*

referencial teórico delineado por Simmel “a relevância sociológica do conflito¹⁰”. Confrontando as fontes documentais retiradas do Acervo (AMPPM) com a bibliografia apurada, formaremos algumas considerações interessantes para a literatura empenhada em discutir a recente história política local, regional e nacional.

2 Ponta Grossa, os traços políticos de uma cidade bicentenária

Discorrer sobre as elites políticas e os meandros que envolvem a história política ponta-grossense seguirá, em grande parte das pesquisas, um protótipo comum a outras cidades do Cone Sul emancipadas em meados do século XIX. Ou seja, boa parte das afirmações farão menção ao latifúndio concentrado em poucas famílias, que, por sua vez, compuseram ou ainda compõem os quadros políticos do município. Essas mesmas famílias, homenageadas pelos principais logradouros da cidade e evidenciadas nos principais corredores do cemitério municipal, não se envergonham em colocar-se a serviço da comunidade naquilo que costumam interpretar como uma missão: conduzir os rumos da cidade que seus ancestrais ajudaram a palmilhar. É baseado nesse discurso que muitos filhos, netos e bisnetos configuraram e muitos até hoje configuram as cadeiras executiva e legislativas de Ponta Grossa.

É analisando a trajetória da política municipal ponta-grossense até 1977, quando o prefeito em exercício Luiz Carlos Stanislawczuk (MDB) renunciou ao cargo para tentar uma cadeira à Assembleia Estadual do Paraná, que a socióloga Rodrigues chega à seguinte conclusão:

Até este momento, a formação da elite política de Ponta Grossa assume a mesma composição de outros municípios da região. Não há muitas inovações nesse processo, que geralmente se inicia com o amplo poder de fazendeiros e da Igreja e, mais tarde, com o desenvolvimento das cidades, passaram a dividir a esfera política com comerciantes (e mais tarde, com os industriais) e militares. A inserção de profissionais liberais também é muito característica nesse tipo de formação¹¹.

Como observou a autora, as décadas anteriores aos anos 1970 marcaram uma cidade governada por latifundiários e pecuaristas conservadores que, somado a chegada da ferrovia (fins do século XIX) e por esta os imigrantes; acabou proporcionado tensões significativas junto a sociedade, culminando, em algumas ocasiões, com a vitória política de liberais

¹⁰ SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO de, Evaristo (Org.). *Georg Simmel (1858-1918): sociologia*. Trad. de Carlos Alberto Pavenelli, et al. São Paulo: Ática, 1983.

¹¹ RODRIGUES, Lorena da Silva. *Elites políticas em três perspectivas: origem social, carreira pública e valores dos membros dos poderes executivo e legislativo de Ponta Grossa/PR (1993-2004)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná. Ponta Grossa, 2006, p. 29.

moderados¹². A Igreja Católica merece análise própria acerca dessa periodização, porém, a esse respeito serão realizadas pesquisas futuras para melhor expor seu real poder decisório nos pleitos princesinos¹³ anteriores aos anos 1980. Mesmo assim, sabe-se que durante o século XVIII, a Igreja Católica, através da Companhia de Jesus, esteve inserida na região, inclusive erigindo patrimônio¹⁴ hoje tombado pelo COMPAC¹⁵.

O embate entre liberais, representado pelos comerciantes, industriais e muitos empresários que se instalaram na cidade durante o Novecentos; e os conservadores, formados por pecuaristas, herdeiros das extensas glebas e amparados pelo poder simbólico do bispo após a instalação do bispado em 1930, foi a tônica na política municipal até idos da segunda metade do século XX¹⁶. Somente com a chegada do Partido dos Trabalhadores, um potencial adversário em comum de ambos, apresentou uma concreta e plausível alternativa aos grupos políticos tradicionais e consolidados na cidade.

2.1 O projeto em confecção: um partido surgido das bases

Quando os debates para a formação de um partido estruturado de baixo para cima¹⁷ começaram a ecoar pelo Brasil, nos fins dos anos 1970, vários segmentos empenharam-se em dar sua cota de contribuição. Das greves do ABCD paulista surgiu a corrente sindical autêntica, responsável por encampar a luta contra o sindicalismo pelego e, por consequência, principal aglutinadora de trabalhadores do setor secundário. Essa nova ala sindical, conhecida como novo sindicalismo brasileiro¹⁸, assumiu papel destacado nos desdobramentos para a fundação do Partido dos Trabalhadores¹⁹.

Imerso no mesmo desejo dos sindicalistas autênticos, os intelectuais (professores e estudantes), os artistas, os parlamentares de oposição à ditadura civil-militar e os religiosos progressistas passaram a interagir com os adeptos do futuro PT, sendo muitos desses signatários do conhecido livro de fundação do partido nas dependências do colégio Sion –

¹² PETUBA, Rosângela. M. S. *Na trama dos trilhos: Cidade, Ferrovia e Trabalho*. Ponta Grossa. PR (1955-1997). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

¹³ Princesino é um dos gentílicos atribuídos aos habitantes da cidade de Ponta Grossa.

¹⁴ CHAMMA, Guisela V. Frey. *Ponta Grossa: o povo, a cidade e o Poder*. Ponta Grossa: [S N], 1988.

¹⁵ Conselho Municipal de Patrimônio Cultural.

¹⁶ SCHIMANSKI, Elizabete Fernanda. *Conservadorismo e tradição em Ponta Grossa: representação social, mito ou realidade na política local?*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2007. 163 f.

¹⁷ AMARAL, Oswaldo E. do. *A Estrêla não é mais vermelha. As mudanças no programa petista nos anos 90*. São Paulo, Editora Garçon, 2003, 202 p.

¹⁸ Para mais informações, vide: MATTOS, Marcelo Badaró. *O Sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

¹⁹ ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SP, em 10 de fevereiro de 1980²⁰. Essa junção de segmentos é encontrada na literatura sobre o assunto como Movimento Pró-PT, uma das raízes formativas do Partido dos Trabalhadores.

Contudo, em algumas localidades, esse já diversificado Movimento recebeu contornos específicos. Por exemplo, em determinadas cidades, o segmento sindical se destacou como a principal força constitutiva do grupo (o ABCD paulista é uma prova); por outro lado, a vertente intelectual, com grande adesão do movimento estudantil e docente deu a tônica na formação do partido em outros municípios, principalmente nas regiões abrangidas por universidades atuantes²¹.

Outro grupo pertencente ao Movimento Pró-PT, o segmento religioso progressista, precisa ser analisado com acuidade. É sabido que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) dialogaram decisivamente com a formação do PT, tendo, inclusive, lideranças filiadas ao partido, principalmente em São Paulo. Organizados em torno de figuras como Evaristo Arns O.F.M. e Frei Betto O.P., os participantes das CEBs viram no PT uma oportunidade de discutir a transformação da sociedade, assunto frequentemente debatido nas Conferências Gerais do CELAM²².

Sobre a participação das CEBs na configuração do PT, autores como o filósofo e teólogo Botas²³ são recordados por sua visão crítica e apurada, tanto mais por ter ele escrito sobre essa relação logo após a primeira experiência eleitoral de 1982. Para o autor, dois conceitos foram estímulos para a adesão dos atores sociais católicos ao projeto petista: o “novo” e a “pobreza”²⁴. Portanto,

Além do "NOVO", uma outra motivação estimulava os agentes de pastoral comprometidos com a "opção preferencial pelos pobres": O PT era um partido pobre, com dificuldades financeiras, enfrentando o poder econômico exigido para se organizar um partido, lutando para encontrar o seu lugar entre os "grandes"²⁵.

E prossegue:

Essas duas ideias-chave, o NOVO e a POBREZA, eram uma terra fértil para semear, nos agentes de pastoral, nos assessores cristãos, uma teologia política que

²⁰ SALOMÃO, Roberto Elias. *Os Anos Heroicos: o Partido dos Trabalhadores do Paraná do Nascimento até 1990*. Curitiba: PT, 2010.

²¹ Sobre o PT em Maringá, vide: DIAS, Reginaldo. B. A trajetória do PT em Maringá (PR): da fundação à conquista da prefeitura. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 7, p. 227-256, 2011. Já sobre o PT em Londrina, vide: HILÁRIO, Janaina Carla Vargas. A experiência do Partido dos Trabalhadores em Londrina a partir da cultura política. *Revista de História Regional*, v.15, n. 1, 2010, p. 258-302.

²² AMARAL, *A Estrela não é mais vermelha*, cit.

²³ BOTAS, Paulo. C. L. Sou do PT porque é o Partido que está no Plano de Deus. *Comunicação do ISER*, nº. 8, Rio de Janeiro, março de 1984.

²⁴ *Idem*.

²⁵ *Ibidem*, p. 47.

encontrava, desde 1971, na Teologia da Libertação, uma produção intensa: A LIBERTAÇÃO VIRÁ DOS POBRES NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO NOVO²⁶.

Ou seja, a experiência dos agentes das comunidades de base obtidas por meio da Teologia da Libertação, em especial a partir do início dos anos 1970, foi importante para que os mesmos enxergassem no PT uma oportunidade de criar um programa de modificação do *status quo*. Ainda que Botas critique a “messianização” do PT por esses mesmos agentes, haja vista a tentativa de transformação do PT em um ente sagrado e sem erros – contornos maniqueístas em que o PT era o bom e os demais o mau – o autor não deixa de ressaltar a importância das CEBs na construção de um partido “que respeitasse e incentivasse a autonomia dos movimentos populares e organizações de base, onde os trabalhadores participassem em todas as etapas de sua elaboração”²⁷.

Essa mesma opinião acerca da formação petista “de baixo para cima” é compartilhada por Amaral:

Esta maior interação, refletida em uma participação mais ampla das bases no processo decisório, pode ser atribuída, em grande parte, nos primeiros anos do partido, aos movimentos sociais como as CEBs e ao novo sindicalismo: as CEBs influíram tanto na organização partidária como na postura do PT em relação ao governo democrático²⁸.

Vale ressaltar que o pesquisador destaca essa aproximação com as bases como sendo um diferencial na trajetória do PT; por um lado, devido às exigências da Lei Orgânica dos Partidos Políticos (LOPP), de dezembro de 1979; por outro, pela configuração petista de procurar uma construção socialista e de massas.

Portanto, é notória a participação das CEBs na formação do PT. Porém, será que esses traços são comuns em todas as dioceses em que o Partido dos Trabalhadores se instalou?

2.2 Da Pastoral Universitária para o Partido dos Trabalhadores: o caso pontagrossense

A diocese de Ponta Grossa é datada de 1926, no entanto, é somente após 1930 que o primeiro bispo diocesano instala seu bispado na cidade. A presença do primeiro bispo, Dom Antônio Mazzarotto, que permaneceu mais de 30 anos à frente do comando da

²⁶ *Idem.*

²⁷ *Ibidem*, p. 40.

²⁸ AMARAL, *A Estrêla não é mais vermelha*, cit., p. 37.

instituição católica na diocese, conduziu o catolicismo local sob formatações conservadoras. Durante seu bispado, o projeto político católico em vigência, a “Restauração Católica”, foi amplamente propalado pelo religioso, inclusive, trazendo para a diocese a Ação Católica Brasileira (ACB) e a Liga Eleitoral Católica (LEC)²⁹.

Em síntese, os movimentos políticos à esquerda ou progressistas não encontraram facilidade durante o primeiro bispado. Essa situação não se inverteu com a ascensão do segundo bispo, em 1965, Dom Geraldo Pellanda. Religioso avesso ao progressismo, tratou de dificultar a instalação de movimentos católicos progressistas em ebulição durante os anos 1970 e 1980, entre eles, as CEBs. Descrito como bispo solene, Dom Geraldo Pellanda governou a Igreja nos anos que se seguiram ao Concílio Vaticano II (1962 – 1965), tendo de lidar, inevitavelmente, com as consequências da reorganização católica. Nascimento, investigando as contradições e antagonismos presentes no bispado de Dom Pellanda, assevera que

[...] Se Dom Geraldo lançou fundamentos da renovação proposta pelo Vaticano II, ampliando a diocese, o clero, as paróquias e aumentando a participação dos leigos, fazendo com que a sociedade se sentisse mais atraída pela igreja, por outro lado, observamos, em diversas entrevistas realizadas, que ele nunca se mostrou favorável a movimentos sociais ligados à Igreja. Sendo assim, sua igreja não se caracterizou por um viés social, demasiadamente cuidadoso com as mudanças nesse aspecto³⁰.

Portanto, quando as discussões para fundação do PT começavam a chegar em solo ponta-grossense, as CEBs, que estavam espalhadas por outras dioceses do Brasil ajudando na formação do partido, não tinham penetrado, estruturalmente, a barreira hierárquica montada pelo bispo local. Contudo, é justamente nesse amálgama de contradições que um braço decisivo do petismo em Ponta Grossa é constituído, tendo na militância católica progressista seus desdobramentos.

Os diálogos para a instalação do PT em Ponta Grossa contaram com atores sociais organizados nas Pastorais católicas da diocese. De acordo com o material elaborado por Darcy Marochi para o Encontro de Formação do Partido dos Trabalhadores³¹, realizado em março de 2000, a atuação da Pastoral Universitária (PU) já existia desde 1976 nas

²⁹ ZULIAN, Rosângela W. *Entre o aggiornamento e a solidão: práticas discursivas de D. Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. 438 f.

³⁰ NASCIMENTO, Siderlei. *A “Era Pellanda” em três atos: a Diocese de Ponta Grossa-PR durante o episcopado de Dom Geraldo Micheletto Pellanda (1962-1979)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2011, p. 64.

³¹ Disponível para consulta no acervo (AMPPM).

intermediações da diocese. Fiadora de manifestações contrárias à ditadura civil-militar, a Pastoral passou a entrar em conflito com a autoridade episcopal, principalmente ao longo dos anos 1980, quando entidades políticas e o próprio PT já estavam inseridos na cidade apoiados tanto pela Pastoral Universitária (PU) quanto pela Pastoral da Juventude (PJ). A datação sobre a atuação da PU em Ponta Grossa, embora pareça precoce, está de acordo com a observação de Lira, pois, segundo o autor, a década de 1980 foi responsável apenas por criar junto à CNBB um Setor específico para as experiências pastorais em vigência nas mais variadas localidades do país. Segundo Lira:

A Pastoral da Juventude (PJ) é uma Pastoral Orgânica da Igreja Católica, ou seja, um setor da Igreja reconhecido por ela como parte do seu todo, é parte da Pastoral de Conjunto, tendo um bispo representando-a no Setor Juventude, criado em 1981. Ela surge como um organismo católico com uma organização nacional a partir daquele ano, ainda que já exista como núcleos isolados desde o final dos anos de 1970 em regiões do Brasil. Durante algum tempo a PJ e suas ramificações tinham como epíteto representar toda a juventude católica, com poucas exceções – jovens engajados em congregações religiosas, como a Juventude Franciscana, os Marianos e outras ordens. Além dos participantes de “movimentos”, como os Vicentinos, Cursilho da Cristandade e outros grupos³².

A Pastoral Universitária da diocese de Ponta Grossa, em fins de 1979 e início de 1980, contava com a liderança do padre Giuseppe Leonardi, cientista natural, pertencente à Congregação dos Padres Cavanis. A chegada dos padres Cavanis ao Brasil remete a fins dos anos 1960, quando o município de Castro, vizinho a Ponta Grossa, foi escolhido para hospedar esses religiosos³³. Porém, a chegada do padre Giuseppe Leonardi, natural da Itália, ao Brasil, concretiza-se apenas em 1974. Com experiência nas atividades junto a PU em Roma, o religioso especialista em Paleontologia, doutor em Sagrada Escritura e licenciado em Teologia, naturalizou-se brasileiro em 1979. Foi professor na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), destacando-se como um dos principais nomes da Geociências e Paleontologia³⁴.

³² LIRA, Ronald Apolinario de. *Um momento novo: Pastoral da Juventude e formação político-partidária na diocese de Nova Iguaçu*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015 p. 123-124.

³³ RIQUETO, Fernando. Primeiros religiosos Cavanis no Brasil. *Instituto Cavanis Congregação das Escolas de Caridade*, [S.l.], 2016. Disponível em: <https://www.cavanis.org/pt_not.php?id=219>. Acesso em 22 dez. 2021.

³⁴ PACHECO, Sandra. Assembleia homenageia padre que realizou importantes trabalhos paleontológicos no Paraná e no Brasil. *Assembleia Legislativa do Estado do Paraná*. Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/assembleia-homenageia-padre-que-realizou-importantes-trabalhos-paleontologicos-no-parana-e-no-brasil>>. Acesso em 22 dez. 2021.

Esse mesmo padre é lembrado por Mello³⁵, cofundador do PT em Ponta Grossa, como um dos principais impulsionadores da militância católica inserida nas Pastorais no projeto de fundação do PT. Adepto da proposta da Teologia da Libertação, padre Leonardi engajou a juventude católica, às margens do bispado, no Movimento Pró-PT. Graças ao seu incentivo, os participantes das Pastorais, seja a PU ou a PJ (ou ambas), inseriram-se aos quadros do Partido dos Trabalhadores, uns cedo, outros pouco tempo depois.

Consultando a breve biografia de alguns candidatos a vereador, deputado ou prefeito pelo partido, no acervo (AMPPM), pode-se encontrar menções a identificação cristã católica, bem como o destaque para o envolvimento com as Pastorais. Em um desses santinhos distribuídos para a disputa municipal de 1988, a seguinte consideração é trazida à baila. Divulgando o candidato Mario Roberto Stinghen, o Semina, um dos propulsores do partido na cidade e candidato a vereador na ocasião, aponta:

Por que Mario Roberto Stinghen? [...] Porque Mario Roberto Stinghen tem procurado assumir nos seus dez anos de participação na pastoral da Igreja o seu compromisso cristão de luta contra a injustiça, acreditando na fraternidade como forma de viver melhor³⁶.

A informação nos permite acreditar que o Semina esteve, pelo menos, desde 1978 como integrante das Pastorais. Um dos mais experientes nesse segmento, Valmir de Santi, tem destacado engajamento tanto na PU quanto na PJ, além de compor os quadros da Pastoral da Saúde e do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Ponta Grossa (CDDH), este fundado em 1983, com forte participação da militância petista católica. Ainda que sua biografia escrita no santinho de campanha para deputado federal, em 1986, atribua sua entrada oficial ao PT em 1982³⁷, sua ligação com as movimentações da PU e PJ já podem ser interpretadas como conexões preludivais.

Darcy Marochi, que disputou à prefeitura em 1988 na condição de vice na chapa com o petista Silvio Silva, também é integrante desse grupo de lideranças católicas. Em 1988, era ex-dirigente do CDDH. Outra militância católica, lembrada por Mello³⁸, foi Rene Guimarães, figura participante na organização e direção do CDDH.

Ações importantes para sociedade ponta-grossense durante os anos 1980 e 1990 saíram dessas organizações, em que os atores sociais identificados com as Pastorais e com o

³⁵ MELLO, Péricles Holleben de. A trajetória do PT em Ponta Grossa (1980-2000). [Entrevista concedida a Ricardo Enguel Gonçalves]. *Google Meet*, 29 out. 2020. Ponta Grossa, MP4, 83'.

³⁶ Santinho de campanha para as eleições municipais de 1988. Disponível no acervo (AMPP).

³⁷ Santinho para deputado federal, 1986. Disponível no acervo (AMPPM).

³⁸ MELLO, A trajetória do PT em Ponta Grossa (1980-2000), *cit.*

petismo discutiam programas e soluções para os desafios que infligiam os munícipes. Por exemplo, foi a partir das discussões na sede da PU que, em 1982 e 1983, formou-se o Comitê contra o desemprego na cidade e, conseqüentemente, no mesmo ano de 1983, despontou o Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH).³⁹

Essa leitura da formação do PT em Ponta Grossa pelo viés dos setores da militância católica, faz eco ao enunciado por Berstein quando este historiador define o partido político. Para ele, o partido é lugar de mediação política entre o real e o discurso, ou seja, o partido é o tradutor dessa relação. Desse modo,

[...] é no espaço entre o problema e o discurso que se situa a mediação política, e esta é obra das forças políticas, que têm como uma de suas funções primordiais precisamente articular, na linguagem que lhes é própria, às necessidades ou as aspirações mais ou menos confusas das populações. Por isso a mediação política assume o aspecto de uma tradução e, como esta, exhibe maior ou menor fidelidade ao modelo que pretende exprimir. É precisamente uma das tarefas do historiador que trabalha com as forças políticas tentar perceber essa distância, fundamental para a compreensão dos fenômenos históricos, entre a realidade e o discurso⁴⁰.

Ao buscar entender as tais aspirações da população local, o Partido dos Trabalhadores conseguiu consolidar as duas condições para sua manutenção e continuidade: a “inércia política” e a “cultura política”. A primeira diz respeito às estratégias e métodos empregados pela sigla para perdurar, ou seja, para manter-se viável ao eleitorado mesmo após a remodelação do contexto em que fora ele criado. No caso do PT, isso pode ser observado conforme as alianças, as mudanças de discurso e as aproximações estratégicas foram sendo inseridas no programa do partido ao longo dos anos. A segunda, por sua vez, diz respeito a como e o que o partido determina como sendo seu conjunto de condutas e práticas, as quais seus membros e simpatizantes devem comungar⁴¹. No caso petista em Ponta Grossa, a discussão de um programa alternativo de cidade, pautado na resolução dos problemas que assolavam a comunidade: o desemprego, a favelização, a fome e a inflação.

Dessa forma, encerramos a primeira parte do artigo, a qual se destinou em produzir um breve resgate historiográfico da vertente católica progressista na configuração do PT ponta-grossense, mostrando que os segmentos católicos vinculados às Pastorais emergiram às margens dos anseios do bispo.

³⁹ Material impresso para o Encontro de Formação do Partido dos Trabalhadores, realizado em 2000. Assinado por Darcy Marochi. Encontra-se disponível no acervo (AMPPM).

⁴⁰ BERSTEIN, Os partidos, *cit.*, p. 61.

⁴¹ *Idem.*

3 Um padre na política: o desempenho eleitoral de Roque Zimmermann nas eleições municipais de 1992

Noutra oportunidade, já havíamos trazido algumas informações sobre a chegada do sacerdote a Ponta Grossa, enfatizando, por assim dizer, sua atuação sindical, profissional e política junto à militância petista local.

A trajetória do padre gaúcho contribuiu significativa e decisivamente para a formação do grupo político de esquerda atuante nos anos 1990 e início dos anos 2000, tanto em Ponta Grossa quanto no Paraná. Tendo se colocado a serviço do Partido dos Trabalhadores por diversas ocasiões para disputar cargos executivos e legislativos, conquistou, com muita propriedade, um eleitorado importantíssimo.

Falecido em fevereiro de 2019, padre Roque Zimmermann M.S.F. carregava consigo os traços de sua origem no interior do Rio Grande do Sul. Nascido em dezembro de 1939, na cidade de Santo Cristo, poucos quilômetros do rio Uruguai – e da divisa com a Argentina – iniciou sua vida religiosa aos vinte e um anos, quando sua escolha de vida o levou até Passo Fundo-RS. Após concluir a graduação em Filosofia pelo Seminário São José, onde estudou entre 1960 e 1962, Roque Zimmermann M.S.F. inaugurou sua fase no exterior. Em 1963 esteve em solo italiano, cursando Teologia pela importante Pontifícia Universidade Gregoriana e ao mesmo tempo procurou desenvolver conhecimentos mais aprofundados em língua alemã no Instituto Goethe, na Alemanha. Os seis anos vividos na Europa formaram grande parte da erudição do sacerdote que, logo após retornar ao país, não tardou em concluir o curso de Letras deixado em aberto dada a sua partida para o exterior. Se, por um lado, a década de 1960 marcou profundamente a fase constitutiva da intelectualidade do religioso, os anos 1980, por sua vez, impulsionaram sua fase militante, pelo menos do ponto de vista institucional⁴².

Em 1984, três anos antes de se filiar ao Partido dos Trabalhadores e vivenciando as transformações sociopolíticas pelas quais o Brasil passava, padre Roque M.S.F. continuava seus estudos, dessa vez em grau de mestrado, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Já em 1987, oficializou sua opção política, quando passou a compor os quadros do PT ponta-grossense. Um ano após a eleição municipal de 1988, passou a

⁴² INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *In memoriam*. Roque Zimmermann, padre, ex-deputado federal. 19 fev. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586754-em-memoria-do-padre-roque-zimmermann>>. Acesso em 29 set. 2021.

integrar o sindicato da categoria dos professores de ensino superior de Ponta Grossa, numa das funções de diretoria⁴³.

Os dados biográficos acima, encontrados na nota de pesar produzida pelo Instituto Humanitas Unisinos, ainda que forneça importantes dados para traçarmos a trajetória do padre, não traz a primeira e talvez a mais marcante participação política do religioso progressista: a disputa à prefeitura de Ponta Grossa em 1992.

Com a redemocratização em curso, a cidade ponta-grossense chegava em 1992 com periódicas eleições pluripartidárias desde 1982. O Partido dos Trabalhadores, nascido em meio às reivindicações sociais dos fins da década de 1970, participava ativamente da disputa pelo poder local em todos os sufrágios municipais. Em 1982, a chapa petista encabeçada por Péricles de Mello e José Alves dos Santos ficou em último lugar⁴⁴; mesma posição conquistada pela chapa Silvio Silva e Darcy Marochi, formada para o pleito de 1988⁴⁵. O balanço dos últimos doze anos (1980-1992) até a eleição de outubro de 1992 mostrava que, além da crescente participação petista nas formações de sindicatos de categorias, o apoio às categorias em greve e as pautas populares defendidas pelo vereador petista (eleito em 1988); o petismo local podia alcançar mais espaço na até então restrita política ponta-grossense.

Dessa forma, considerando-se os argumentos que regem o exercício democrático do voto, devemos levar em conta as conexões existentes nas estratégias empregadas pelo PT para disputar pela terceira vez a prefeitura de Ponta Grossa. Numericamente falando, o crescimento eleitoral do partido em solo municipal era constatado desde 1988, quando os 650 votos obtidos em 1982⁴⁶ se transformaram em 8.033, um aumento de 7.383 votos em seis anos. No campo da militância, a atuação do petismo nos movimentos sociais e sindicais da cidade somado a presença de um vereador em atuação desde 1989, deixava claro que a solidificação do projeto de governo do partido estava em vias de formação, ainda que o título de principal força de oposição na cidade precisasse ser sacramentado nas urnas.

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Mapa nº 216, Município de Ponta Grossa – 14ª – 15ª e 138ª ZONA, Quadro estatístico, 1982. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19821115A77771.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2022.

⁴⁵ PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Eleições municipais de 1988 – Quadro estatístico, 1988. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19881115A77771.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2022.

⁴⁶ O eleitorado apto a votar em 1982 era de 98.656. Desse total, 84.740 foram às urnas e 4.617 votaram em branco; 2.168 anularam o voto. Ou seja, 77.955 foram os votos válidos (PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Mapa nº 216, 1982, *cit.*). Em 1988, o eleitorado alistado era de 121.057. Os votos válidos foram de 99.336; os votos em branco 9.580 e os nulos 3.281. Ou seja, 112.197 compareceram às três zonas eleitorais da cidade (PARANÁ, Eleições municipais de 1988 – Quadro estatístico, 1988, *cit.*). Vale ressaltar que os números apresentados correspondem apenas à disputa para a prefeitura.

Alguns candidatos tentaram assumir o protagonismo de principal liderança de oposição na cidade desde que o bipartidarismo chegou ao fim. Quando a primeira eleição pluripartidária aconteceu, José Gomes do Amaral e Eurico Batista Rosas, nomes ligados ao antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), lançaram-se por uma das chapas do PMDB. A chapa peemedebista fez frente aos nomes de Cyro Martins (ex-prefeito); Plauto Miró Guimarães (ex-prefeito) e Cezar Pilatti, os três candidatos a prefeito pelo Partido Democrático Social (PDS) com forte apoio das elites locais. Mesmo assim, os peemedebistas conquistaram a maioria dos votos em relação a eles. Porém, numa das peculiaridades não exclusivas da política local, a outra chapa do PMDB, formada por dois nomes com perfil político mais parecido com o dos pedecistas acabou eleita. Otto Santos Cunha e Fernando José Puppi, por uma diferença de 8.308 votos, evitaram que a chapa com perfil oposicionista assumisse a prefeitura⁴⁷. Duas candidaturas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e uma do PT também estiveram no pleito⁴⁸.

Djalma de Almeida Cesar, atuante político paranaense com passagem pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), tentou assumir a figura de oposição na eleição de 1988, quando ao lado de Manoel Osorio Taques levou o PMDB ao segundo lugar, em pleito vencido por Wosgrau Filho, do Partido Democrata Cristão (PDC). A fragmentação do campo oposicionista em ponta-grossense era tão notória que nem mesmo o ex-prefeito emedebista, eleito em 1976, em plena ditadura civil-militar, conseguiu mostrar-se portador das reivindicações populares daquele momento: Luiz Carlos Stanislawczuk. Portador de trajetória política conturbada, Luiz Carlos “Zuk” lançou-se em 1988 como candidato de oposição pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), ficando em penúltimo lugar. O último lugar foi ocupado pela chapa do PT, que naquele momento procurava alcançar espaço institucional no meio eleitoral. E de fato conseguiu, com a eleição do primeiro vereador, Péricles de Mello⁴⁹.

Já no ano de 1992, quando as campanhas começaram a ser lançadas, no segundo semestre, o contexto político brasileiro mostrava que a jovial “democracia de autorização”⁵⁰ iniciada com a eleição de Collor de Mello (PRN) em 1989, carecia de aprofundamento. Devido ao conturbado governo, repleto de insucessos políticos e denúncias de corrupção, em setembro de 1992 foi iniciado um processo de impeachment contra Collor e um mês

⁴⁷ Na eleição de 1982 vigorava a sublegenda.

⁴⁸ PARANÁ, Mapa nº 216 – 14ª – 15ª e 138ª ZONA, *cit.*

⁴⁹ PARANÁ, Eleições municipais de 1988, *cit.*

⁵⁰ ROSANVALLON, A democracia do século XXI, *cit.*, p. 159.

depois, um dia antes das eleições municipais, decretava-se o afastamento do presidente para que o processo tramitasse no Senado Federal. O historiador Perry Anderson tem uma análise objetiva, porém, assertiva da derrubada de Collor de Mello. Para este autor,

Quando o volume de denúncias chegou a um ponto insustentável, Collor fez um pronunciamento na televisão, convocando o povo a abraçar sua batalha contra uma elite conspiradora e a demonstrar um apoio patriótico ao presidente vestindo verde e amarelo. No dia seguinte, as cidades se vestiram de preto. Em seis semanas, Collor estava fora do poder. Se a democratização brasileira foi ambígua e confusa, a liberalização econômica acabou em farsa. Quando Collor foi deposto, em 1992, o país parecia ter perdido novamente o bonde da história⁵¹.

As conexões entre os acontecimentos macro-históricos, especialmente uma deposição presidencial, não podem ser relegadas a segundo plano ao abordarmos o desfecho eleitoral de 1992. Vários partidos políticos tiveram papel decisivo nos trabalhos realizados no Congresso para apuração e subsequente derrubada de Collor, inclusive o PT. Essa contribuição dos petistas na interrupção do governo Collor é lembrada por Amaral como esperança eleitoral para os candidatos do Partido dos Trabalhadores já no pleito municipal de 1992: “o impedimento de Collor e a importante participação de parlamentares petistas no processo de investigação de irregularidades no governo fizeram com que o partido acreditasse em uma enxurrada de vitórias no pleito de 1992”⁵².

A esse respeito, o historiador Rosanvallon pode ser trazido à baila para nos ajudar a compreender os meandros da política. Segundo sua análise, a “voz do povo” e o “olho do povo” são duas categorias diferentes, porém, importantes para o funcionamento da atual democracia internacional: “a voz do povo foi tradicionalmente a das urnas. Ela pode assumir outras formas de expressão, como os abaixo-assinados e as manifestações de rua”⁵³. A tal categoria “voz do povo” pôde ser percebida no caso Collor. Após ser eleito (voz das urnas), o mesmo foi afastado, não somente, mas também, pelas “manifestações de rua”. A segunda categoria, “olho do povo”, reside numa função tradicionalmente atrelada ao poder legislativo. No entanto, como o próprio historiador sugere, a tradicional “democracia de autorização” carece de aprofundamento, de mecanismos de complicação e não de simplificação para avançar numa busca por democracia real. Uma possibilidade para tal, seria a discussão em torno da “democracia de exercício”, em que o cidadão eleitor deixaria de ser apenas um votante e passaria a acompanhar ativamente as atitudes do governo,

⁵¹ ANDERSON, Perry. *Brasil à parte: 1964 – 2019*. Trad. de Alexandre Barbosa de Souza, et al., 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020, p.19.

⁵² AMARAL, *A Estrêla não é mais vermelha*, cit., p. 104.

⁵³ ROSANVALLON, *A democracia do século XXI*, cit., p. 161.

promovendo um policiamento contra as “disfunções do poder”. Portanto, [...] “na época da democracia de exercício, é também o olho do povo que aparece para desempenhar um papel significativo. Ao lado do cidadão-eleitor, a figura do cidadão-controlador adquirirá então uma importância crescente”⁵⁴.

Mesmo que defenda uma formação democrática para além da representação numérica e eleitoral, Rosanvallon não desabona o sufrágio como instrumento de escolha dos governantes. Nesse *rol* de pesquisadores do campo renovado, Aline Coutrot contribui com a discussão sobre os fatores que permeiam o ato eleitoral, analisando a conexão entre a profissão de fé e a política. Tendo a historiadora francesa *expertise* a respeito das correlações entre religião e política, sua defesa de que a cultura religiosa de uma sociedade ou região é circunscrita à longa duração⁵⁵ nos permite interpretar a sagacidade do PT ponta-grossense ao lançar um padre como candidato a prefeito naquela ocasião.

Partindo do pressuposto defendido pela historiadora, no qual as instituições religiosas não se restringem apenas ao conteúdo de fé ou aos dogmas de natureza metafísica, Coutrot⁵⁶ opta pela interpretação materialista das igrejas. Dessa forma, sendo as instituições produtos do seu tempo estão em completo diálogo com as pautas existentes em cada época. Além disso, ao dialogar, defender ou combater uma pauta social, econômica ou partidária; as igrejas produzem política, fabricam discursos, tensionam os contextos. São, portanto, corpos sociais⁵⁷.

Nesse sentido, ao afirmar que “o religioso informa em grande medida o político, e também o político estrutura o religioso”⁵⁸, a historiadora enfatiza o aspecto dialógico entre a política e a religião, mesmo ponderando que tanto a religião quanto a política possuem naturezas distintas.

Explorando a tradição conservadora existente em Ponta Grossa, a oficialização da chapa petista encabeçada por padre Roque Zimmermann M.S.F. e seu vice Gilberto Ribas, sob o lema “nesses eu boto fé”⁵⁹ é um exemplo de como as estruturas sociais e o passar dos anos contribuem com a reorganização da cultura política do partido. A própria conduta do

⁵⁴ *Idem.*

⁵⁵ COUTROT, Religião e política, *cit.*

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ *Idem.*

⁵⁸ *Ibidem*, p. 335.

⁵⁹ Material de campanha para as eleições municipais de 1992. Disponível fisicamente no Acervo de Memória Política Pérciles de Mello (AMPPM), no Museu Campos Gerais (MCG).

padre na Convenção Municipal, em junho de 1992, merece ser destacada como elemento dessa relação tensionada entre a fé e a política.

Conforme material divulgado pelo Diário da Manhã (DM), na segunda-feira após definição da chapa petista habilitada a disputar a prefeitura, o evento promovido pelo PT havia rendido mal-estar entre os grupos presentes no encontro. Tal ocorre que, após as discussões burocráticas relacionadas ao projeto do partido para movimentar as campanhas daquele ano, mesmo que o noticiário tenha atribuído ao padre um discurso de que o evento havia tratado dos princípios da administração petista na cidade, tentando assim tensionar a disputa, haja vista que o proprietário do periódico em questão seria lançado tempo depois como candidato ao mesmo cargo⁶⁰; uma peça teatral intitulada “Guerra Santa” seria a responsável pelo clima ambíguo.

A peça apresentada pela trupe Dentro do Avesso, era um pedido do partido para o encerramento do evento, ocorrido na tarde de domingo (15 de junho). A temática do jovial grupo local era abordar, de maneira artística, as contradições existentes entre o cristianismo e as pregações, as instituições e as práticas de líderes religiosos que, na interpretação do grupo, agiam enganando seus fiéis. A encenação, de acordo com o jornal, culminou com dois grupos antípodas. De um lado, um grupo defensor da peça, acreditando que a apresentação não feria a liberdade religiosa, nem mesmo a crença de nenhum candidato ou munícipe, nesse grupo figurava o vereador Péricles de Mello. Noutra extremidade, um grupo que tinha padre Roque M.S.F. como porta-voz, tratou de rejeitar a peça, analisando-a como uma atividade que desrespeitava um mandamento da lei divina: “não tomar seu Santo nome [Deus] em vão”⁶¹.

Esse episódio, ainda que seja caso isolado, ao menos foi o único evento explicitamente encontrado pela pesquisa, nos fornece base para concordar com Coutrot⁶² quando esta diz que as relações entre política e religião, mesmo que oriundas de natureza distinta, conflitam-se entre si gerando uma atuação não desvinculada. Tanto mais quando a cultura religiosa do ator social em questão é formada por canais institucionais oficiais, como um seminário, por exemplo. Padre Roque M.S.F., um autêntico “sacerdote político”, dividia-se entre a profissão de fé e a atuação política engajada sem excluir sua educação católica.

⁶⁰ Adail Inglês, candidatou-se pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

⁶¹ CANDIDATO diz que peça teatral na convenção foi “uma lástima”. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 16 jun. 1992.

⁶² COUTROT, *Religião e política*, cit.

As relações conflituosas apresentadas até aqui apontam para a teoria de Georg Simmel⁶³. Para este intelectual, os conflitos e as tensões são definidos como fenômenos de “sociação”, portanto, inerentes aos diversos grupos que compõem a sociedade. O primeiro episódio (segunda seção do artigo), ao discorrer sobre a opinião contrária ao estabelecimento das CEBs na diocese por parte do bispo Dom Geraldo Pellanda, também demonstrou a estratégia adotada pelos atores sociais para suplantar os empecilhos impostos pela autoridade eclesial. Isto é, se, por um lado, há um conflito entre o bispo e os católicos contrários às imposições feitas por este, por outro, a superação dessa divergência é alcançada por meio da adesão desses católicos às Pastorais. Na ausência das CEBs, as Pastorais Universitária e da Juventude cumpriam papel preponderante na acolhida e coletivização dos projetos propostos por esses sujeitos.

O segundo episódio (terceira seção do artigo), provoca pelo menos mais dois conflitos: um externamente e outro internamente ao PT. No primeiro caso, a tensão é estabelecida entre o padre Roque M.S.F. e a opinião da diocese contrária ao seu envolvimento político⁶⁴, inclusive com a tentativa do bispo em exercício, Dom Murilo Krieger, de demover o sacerdote da pretensão eleitoral⁶⁵. Para resolver esse conflito, o padre Roque M.S.F. procurou contornar as críticas e restrições advindas da cúria embasando sua campanha em torno das causas sociais, dos pobres e dos oprimidos, enfatizando que não pretendia “usar a Igreja como trampolim”⁶⁶. O segundo fator, tem como epicentro a disputa por espaço no interior da agremiação política. Ao despontar como nome viável para encabeçar a chapa, padre Roque M.S.F. não só solidificou o partido na cidade, como também fortaleceu o grupo simpático à sua posição no âmago da sigla. Comungando da teoria de Simmel e interpretado o PT como grupo heterogêneo e propício para as salutares divergências, percebemos que nos casos supracitados os atores sociais souberam conciliar tais contradições em prol de uma unidade planejada. Como salientou Simmel “o próprio

⁶³ SIMMEL, A natureza sociológica do conflito, *cit.*

⁶⁴ Vale ressaltar que o bispo Dom Geraldo Pellanda faleceu em 1991. Ou seja, um ano antes do pleito. Seu sucessor, Dom Murilo Krieger, seguia a mesma linha do antecessor e não apoiou a candidatura do padre Roque M.S.F.

⁶⁵ SEM o apoio da igreja, padre disputa sucessão de Wosgrau. *Correio de Notícias: a serviço do Paraná*, Curitiba, 21 jun. 1992. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538_02&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=16145>. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁶⁶ *Idem.*

conflito resolve a tensão entre contrastes⁶⁷”, pois é a partir dele que emergem articulações estratégicas objetivando a construção de unidades pragmáticas.

Em síntese, a experiência eleitoral do religioso conquistou pontos importantes para o partido. Quatro candidaturas foram lançadas naquela ocasião. Os situacionistas apoiaram o vice-prefeito de Wosgrau Filho, Paulo Cunha Nascimento (PDC), para dar continuidade à gestão tradicional. O PMDB abrigou, mais uma vez, o nome de Djalma de Almeida Cesar e o PTB, dessa vez, optou pelo nome do proprietário do Diário da Manhã (DM), Adail Inglês. O PT, por sua vez, buscava solidificar o papel de principal oposição popular e, para tanto, confiava no capital político do padre Roque M.S.F.⁶⁸.

A campanha petista não chegou ao poder ponta-grossense em 1992. Nem mesmo o nome “Padre Roque” impresso nas cédulas serviu para canalizar a totalidade do voto popular e católico no PT. Isso não significa que a adesão popular ao projeto petista de governo não estivesse chegando nos mais distintos bairros da cidade. Em números de votos, o resultado em 1992 constatou um aumento mais expressivo do que o obtido em 1988. Com 21.097 votos o PT ponta-grossense alcançou a terceira posição, ficando 15.112 votos atrás de Djalma de Almeida Cesar, político com trajetória consolidada no Paraná. Essa diferença para o segundo colocado é praticamente a mesma entre a campanha petista e o último colocado, Adail Inglês (PTB), 15.338 votos separaram os petistas dos petebistas⁶⁹. Mesmo assim, Paulo Cunha Nascimento (PDC), o derradeiro prefeito pertencente ao grupo tradicional da cidade no século XX, conquistou a cadeira executiva, naquele momento, precisando responder às demandas populares para evitar que a oposição vencesse a eleição subsequente, agendada para 1996.

O saldo político em Ponta Grossa foi positivo para o PT. Dadas as condições inerentes à história política da cidade, um partido de esquerda alcançar a terceira colocação no pleito para a prefeitura com mais de 21 mil votos e reeleger seu vereador, Péricles de Mello, em primeiro lugar, com 2.012 votos, não pode ser analisado de outra forma sem considerá-lo reflexo de um engajamento social e parlamentar dos petistas na cidade⁷⁰.

O responsável pela chapa que sacramentou o PT como principal força de oposição popular em Ponta Grossa não encerrou sua trajetória política após o pleito de 1992. Continuando a impulsionar a militância local, formou parte expressiva do seu eleitorado na

⁶⁷ *Ibidem*, p. 123.

⁶⁸ PARANÁ, Justiça Eleitoral – Eleições municipais de 03 de outubro de 1992, *cit.*

⁶⁹ *Idem.*

⁷⁰ *Idem.*

região dos Campos Gerais, fato percebido em 1994, quando Roque Zimmermann M.S.F. conquistou uma das vagas à Câmara Federal. Em 1998, conquistou a reeleição e quatro anos depois foi o nome escolhido pelo PT para disputar o governo do Paraná. Derrotado nas urnas com mais de 842 mil votos, o padre compôs o governo de Roberto Requião (PMDB), governador eleito em segundo turno; na função de Secretário do Trabalho, Emprego e Promoção Social. A trajetória do padre petista encerra-se, oficialmente, em 2007, quando desentendimentos sérios com o grupo político que assumiria a direção do partido no Paraná levaram-no a tomar radical atitude: a desfiliação⁷¹.

4 Considerações finais

O historiador Rémond ao investigar as eleições francesas asseverou que “de todas as correlações consideradas e observadas, a mais estável continua sendo entre opiniões políticas e crenças religiosas: se ela não é explicativa, ao menos tem uma virtude vaticinadora”⁷². Vaticinador ou profético, talvez fosse a melhor definição dada por um analista petista sobre a apuração dos votos em 1996, quando o PT se consagrava em segundo lugar na eleição municipal, derrotando mais um importante candidato local: Plauto Miró Guimarães Filho.

Contudo, as estratégias e articulações adotadas pelos atores católicos e leigos na viabilização do PT como alternativa política para os ponta-grossenses, resultaram em alguns pontos consideráveis. Externamente ao PT, o conflito entre a profissão de fé católica progressista, praticada pelos sujeitos abordados neste texto, e o catolicismo institucional conservador, defendido pelo bispo Dom Geraldo Pellanda, culminou com a participação decisiva das Pastorais da Juventude e Universitária na criação do partido de esquerda na cidade, mesmo que às margens da opinião da oficialidade eclesial. Internamente, os católicos formaram um núcleo de sustentação da legenda petista tanto no partido quanto nos centros e movimentos ligados à sigla política. Esse engajamento político-religioso conquistou espaço cada vez maior junto à direção do partido no decorrer da trajetória inicial do petismo local, chegando ao ápice em 1992, quando padre Roque Zimmermann M.S.F. disputou a eleição para prefeito encabeçando a chapa. A participação do grupo continuou crescente no interior do partido de tal maneira que em 1993 chegou-se a fracionar igualmente os

⁷¹ INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, *In memoriam*, cit.

⁷² RÉMOND, *As eleições*, cit., p. 43.

cargos da mesa gestora do Diretório entre os três grupos internos, sendo um deles liderado por Roque Zimmermann M.S.F.⁷³.

O artigo averiguou que a estratégia adotada pelo PT ao lançar um padre como candidato a prefeito não resultou numa conquista completa do eleitorado católico local. As conexões entre o voto e a fé, como defendidas por Rémond, devem ser consideradas, no caso ponta-grossense, a partir da cultura religiosa circunscrita à longa duração, o que, de certa forma, apresentará um perfil católico mais conservador. Exemplo público e notório disso pode ser percebido nos bispados abordados neste texto, onde as pautas progressistas foram desestimuladas pela autoridade episcopal.

Mesmo assim, a expressiva votação conquistada pela chapa encabeçada pelo padre em 1992 consagrou o partido como principal força de oposição popular na cidade. A própria trajetória política do religioso se intensificou após o primeiro encontro com as urnas, levando-o à Câmara Federal anos depois e ao primeiro escalão do governo paranaense em 2003.

⁷³ PARTIDO chega ao consenso e Goretti assume a presidência. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 27 abr. 1993.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- AMARAL, Oswaldo E. do. *A Estrêla não é mais vermelha*. As mudanças no programa petista nos anos 90. São Paulo: Editora Garçon, 2003, 202 p.
- ANDERSON, Perry. *Brasil à parte: 1964 - 2019*. Trad. de Alexandre Barbosa de Souza, et al., 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BARBOSA, Imerson Alves. *A esquerda católica na formação do PT*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007.
- BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.
- BOTAS, Paulo. C. L. Sou do PT porque é o Partido que está no Plano de Deus. *Comunicação do ISER* – nº. 8, Rio de Janeiro, março de 1984. Disponível em: <<https://www.iser.org.br/publicacao/comunicacoes/8/>>. Acesso em 20 set. 2021.
- CANDIDATO diz que peça teatral na convenção foi “uma lástima”. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 16 jun. 1992.
- CERVI, Emerson. Opção pelo populismo: dissidência política e renovação eleitoral no município de Ponta Grossa. In: CODATO, Adriano e SANTOS, Fernando José dos (orgs.). *Partidos e eleições no Paraná: uma abordagem histórica*. Curitiba: Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, 2006.
- CHAMMA, Guisela V. Frey. *Ponta Grossa: o povo, a cidade e o Poder*. Ponta Grossa: [S N], 1988.
- COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.
- DIAS, Reginaldo. B.. A trajetória do PT em Maringá (PR): da fundação à conquista da prefeitura. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 7, p. 227-256, 2011. Disponível em: <<https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revistaperseu/article/view/41>>. Acesso em 28 set. 2021.
- HILÁRIO, Janaina Carla Vargas. A experiência do Partido dos Trabalhadores em Londrina a partir da cultura política. *Revista de História Regional*, v. 15, n. 1, Ponta Grossa, Verão, 2010, pp. 258-302. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2368>>. Acesso em 15 ago. 2021.
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *In memoriam*. Roque Zimmermann, padre, ex-deputado federal. 19 fev. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586754-em-memoria-do-padre-roque-zimmermann>>. Acesso em 29 set. 2021.
- LIRA, Ronald Apolinario de. *Um momento novo: Pastoral da Juventude e formação político-partidária na diocese de Nova Iguaçu*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *O Sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MELLO, Péricles Holleben de. A trajetória do PT em Ponta Grossa (1980-2000). [Entrevista concedida a Ricardo Enguel Gonçalves. *Google Meet*, 29 out. 2020. Ponta Grossa, MP4, 83’.
- NASCIMENTO, Siderlei. *A “Era Pellanda” em três atos: a Diocese de Ponta Grossa-PR durante o episcopado de Dom Geraldo Micheletto Pellanda (1962-1979)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2011.

- PACHECO, Sandra. Assembleia homenageia padre que realizou importantes trabalhos paleontológicos no Paraná e no Brasil. *Assembleia Legislativa do Estado do Paraná*. Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/assembleia-homenageia-padre-que-realizou-importantes-trabalhos-paleontologicos-no-parana-e-no-brasil>>. Acesso em 22 dez. 2021.
- PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Mapa nº 216, Município de Ponta Grossa – 14ª – 15ª e 138ª ZONA, Quadro estatístico, 1982. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19821115A77771.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2022.
- PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Eleições municipais de 1988 – Quadro estatístico, 1988. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19881115A77771.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2022.
- PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Justiça Eleitoral – Eleições municipais de 03 de outubro de 1992. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19921003A77771.pdf>>. Acesso em 29 jan. 2022.
- PARTIDO chega ao consenso e Goretti assume a presidência. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 27 abr. 1993.
- PT HOMOLOGA Zimmermann como primeiro candidato a prefeito. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 16 jun. 1992.
- PETUBA, Rosângela. M. S. *Na trama dos trilhos: Cidade, Ferrovia e Trabalho Ponta Grossa*. PR (1955-1997). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.
- RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.
- RIQUETO, Fernando. Primeiros religiosos Cavanis no Brasil. *Instituto Cavanis Congregação das Escolas de Caridade*, [S.l.], 2016. Disponível em: <https://www.cavanis.org/pt_not.php?id=219>. Acesso em 22 dez. 2021.
- RODRIGUES, Lorena da Silva. *Elites políticas em três perspectivas: origem social, carreira pública e valores dos membros dos poderes executivo e legislativo de Ponta Grossa/PR (1993-2004)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná. Ponta Grossa, 2006, 283 f.
- ROSANVALLON, Pierre. A democracia do século XXI. *Nueva Sociedad especial em português*, jul. 2018. Disponível em: <https://static.nuso.org/media/articles/downloads/EN_Rosanvallon_EP18.pdf>. Acesso em 25 jan. 2022.
- SALOMÃO, Roberto Elias. *Os Anos Heroicos: o Partido dos Trabalhadores do Paraná do Nascimento até 1990*. Curitiba: PT, 2010.
- SCHIMANSKI, Elizabete Fernanda. *Conservadorismo e tradição em Ponta Grossa: representação social, mito ou realidade na política local?*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2007. 163 f.
- SEM o apoio da igreja, padre disputa sucessão de Wosgrau. *Correio de Notícias: a serviço do Paraná*, Curitiba, 21 jun. 1992. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538_02&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=16145>. Acesso em: 13 jul. 2022.

- SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO de, Evaristo (Org.). *Georg Simmel (1858-1918): sociologia*. Trad. de Carlos Alberto Pavenelli, et al. São Paulo: Ática, 1983.
- ZULIAN, Rosângela.W. *Entre o aggiornamento e a solidão: práticas discursivas de D. Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009, 438 f.

Como citar este artigo: SILVA, Edson Armando; GONÇALVES, Ricardo Enguel. Em nome do partido, da militância e da transformação social: a participação católica no Partido dos Trabalhadores da cidade de Ponta Grossa - PR (1980-1992). *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 1–26, 2022.

Recebido em 18.04.2022

Publicado em 28.07.2022

